

## UM OLHAR DA PSICOLOGIA SOBRE A RELIGIÃO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

### A PSYCHOLOGY LOOK ON RELIGION: AN INTEGRATIVE REVIEW

*Tarcísio Staudt,*

*Luís Alberto Silva dos Santos,*

*Jucelaine Bitarello*

#### **Resumo**

O tema proposto, Psicologia e Religião, tem objetivo de identificar o interesse científico do fenômeno religião no imaginário e na cultura humana. A temática emerge, com força, nas áreas de pesquisa em saúde, inclusa a Psicologia. Na revisão teórica de Jammes (1902), Freud (1907), Otto (1917) e Jung (1939), busca-se a visão integrativa da psicologia e de outros saberes em relação à religião. Norteados pelas concepções destes autores clássicos, o método contemporâneo está na Prática Baseada em Evidências (PBE), no que concerne à assistência a saúde. Neste sentido, propõe-se a experiência religiosa como ferramenta de apoio interpretativo para uso da Psicologia. No final desse estudo, conclui-se que a pesquisa científica ainda tem vasto campo para a investigação no universo da Religião e da Psicologia, a qual dotada de parâmetros confiáveis, na interface complexa, porém, convergente com a possibilidade do encontro entre a ciência e a religião.

**Palavras-chave:** Psicologia. Religião. Ciência.

#### **Abstract**

The proposed theme, Psychology and Religion, is to identify the scientific interest of the religious phenomenon in the imagination and in human culture. The theme emerges strongly in the areas of health research, included psychology. In the theoretical review of Jammes (1902), Freud (1907), Otto (1917) and Jung (1939), seeks to integrative view of psychology and other knowledge about religion. Guided by the views of these classical authors, the contemporary method is the Evidence-Based Practice (EBP), regarding the assistance to health. In this sense, it is proposed to religious experience as an interpretive tool to support use of psychology. At the end of this study, it is concluded that scientific research has yet vast field for research in the world of religion and psychology, which provided reliable parameters in the complex interface, however, converging with the possibility of the meeting between science and the religion.

**Keywords:** Psychology. Religion. Science.

## Considerações Iniciais

Este estudo tem como tema o olhar integrativo da psicologia em relação ao fenômeno da religião no imaginário e na cultura da humanidade. No balizamento teórico tomamos a orientação na concepção de alguns autores clássicos da psicologia e de áreas afins como a sociologia, a filosofia, a teologia, a antropologia e a medicina. Haja vista que saberes diversos conflui ao mesmo objeto, a integratividade.

Em relação ao problema desta pesquisa apresentamos o seguinte questionamento: como o fenômeno religião no imaginário e na cultura humana é elemento integrativo na visão da psicologia no que concerne à assistência da saúde pelo método contemporâneo da Prática Baseada em Evidências (PBE)? Desta forma o objetivo está em identificar o interesse científico do fenômeno religião no imaginário e na cultura humana baseado em revisão de visões teóricas de autores clássicos sobre este tema.

O trabalho está organizado em quatro etapas: na primeira elencamos o pensamento fundamental dos teóricos clássicos Freud (1907); Jammes (1902); Otto (1917) e Jung (1939). Na segunda, apresentamos a concepção teórica de alguns pensadores que tentaram, de alguma forma, conceituar Deus. Na terceira, descrevemos alguns trabalhos de autores contemporâneos, no sentido de analisar a evolução da abordagem científica sobre a religião, considerado um período interessante na pesquisa. Na última etapa, propomos a discussão argumentativa com vistas à identificação de pontos de convergência e divergência entre os estudos apresentados, consubstanciados ao olhar crítico dos autores deste trabalho.

Entendemos que os argumentos iniciais, o tema, o problema e o objetivo desta pesquisa justificam-se pela necessidade que atualmente, a humanidade tem, de um lado, em encontrar alternativas para o suprimento das necessidades, as quais por vezes vão além do alimento material, em sentido amplo. De outro lado, há busca ao conforto, ao que está além do corpo, na enfermidade da vida, campo no qual, a integratividade dos saberes encontra confluência.

## Conceituações Teóricas Preliminares – Concepções e Divergências da Psicanálise e Religião

A religião começa consigo mesma, ela se opõe a toda e qualquer tentativa de derivar outras áreas<sup>1</sup>. “A religião precisa ser entendida a partir de si própria. É preciso renunciar a

---

<sup>1</sup> OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução Walter O. Schlupp, Editora Sinodal, 3ª edição, RS, São Leopoldo, 1917 – 2014.

toda e qualquer determinação exógena da religião para se captar a realidade da religião”<sup>2</sup>. Assim, de outra forma, a religião é um fenômeno que intriga o homem, portanto, entendê-la cientificamente é um desafio, principalmente num país que tem passado por transformações significativas no campo religioso, como é o caso do Brasil.<sup>3</sup>

Partindo deste contexto, a ciência das religiões pode ser considerada uma disciplina autônoma, tendo por objeto a análise dos elementos comuns das diversas religiões, a fim de decifrar as leis de evolução e, sobretudo, precisar a origem e a forma primeira da religião. Ela, ciência ainda recente (data do século XIX), e sua fundação quase coincidem com a da ciência da linguagem.<sup>4</sup> Avançando para as últimas décadas do século XX, na obra *Antologia do Êxtase*, é notável o interesse crescente, tanto por parte de pesquisadores, quanto das pessoas em geral, por um tipo de experiência humana classificada como: êxtase místico, iluminação, experiência transcendental, consciência cósmica, entre outras.<sup>5</sup> Em outra concepção, trocamos nossos sentimentos com os outros, temos que falar, e usar fórmulas verbais gerais e abstratas.<sup>6</sup> Conceitos e construções são, portanto, pontos necessários da religião como moderadores entre o embate de hipóteses e mediadores entre as críticas das construções de uma pessoa para outra<sup>7</sup>, assim, a filosofia e a psicologia sempre terão algo a realizar.

A experiência mística se caracteriza pela noção de unidade e “não há nada de religioso nessa unidade diferenciada”. São vários os fatores que fazem com que a experiência mística tome forma religiosa, entre eles, o fato de que tal experiência é um “dissolver-se no infinito da própria individualidade, e o infinito é associado com Deus”.<sup>8</sup>

Então, verifica-se que os historiadores das religiões estão divididos entre duas orientações metodológicas divergentes<sup>9</sup>, mas complementares: uns concentram sua atenção

<sup>2</sup> BRANDT, H. **Apresentação da Obra “o sagrado” (Rudolf Otto)**. Editora Sinodal, 3ª Edição, São Leopoldo, RS, 1917 – 2014, p.14.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, C.M. **Espaço e Religião, Sagrado e Profano**: uma contribuição para a geografia da religião e do movimento pentecostal. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.135-161, ago./dez.2012.

<sup>4</sup> ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. Tradução (1957/1992) - Rogério Fernandes, Editora Martins Fontes, ISBN 85 336 0053 4, São Paulo 1992.

<sup>5</sup> WEIL, P. **Antologia do Êxtase**. Tradução – Patrícia Cenacchi, Editora Palas Athena, SP, São Paulo 1993.

<sup>6</sup> LOUCEIRO, L.M. **“As Variedades da Experiência Religiosa” de William James revisitada**. Cognitivo – Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia, Volume 4, nº 2, julho 2007, p. 103 – 120, PUC de São Paulo.

<sup>7</sup> LOUCEIRO, 2007, p. 103 – 120.

<sup>8</sup> SPICA, M. A. **Místico Versus Misticismo**: reflexões sobre o místico de Wittgenstein em comparação ao misticismo religioso caracterizado por James. Natal, v.17, jan./jun. 2010, p. 113-136.

<sup>9</sup> ELIADE, 1957/1992.

principalmente nas estruturas específicas dos fenômenos religiosos, enquanto outros se interessam de preferência pelo contexto histórico desses fenômenos; os primeiros esforçam-se por compreender a essência da religião, os outros trabalham por decifrar e apresentar sua história. No entanto, no início do século XXI a sociedade se encontra diante de um desafio essencial, qual seja o de retomar uma dinâmica espiritual<sup>10</sup> que vem sendo abafada ou relegada ao âmbito da modernidade. Assim como o século passado, o novo não vem carregado de mais esperanças. O que se verifica é a afirmação crescente e alarmante de uma paisagem crepuscular, dominada pelo desgaste da compaixão, da recusa da hospitalidade, dos receios e temores de abertura e de afirmação etnocêntrica e egocentrada.<sup>11</sup>

Com vista ao campo da saúde, há produção teórica que aponta para novos enfoques em Medicina e Psicologia.<sup>12</sup> Esta abordagem repousa sobre uma base antropológica de natureza holística, o que vale dizer que pretendem abordar o homem, e os fenômenos da vida humana, integrando as diversas dimensões do Ser. Denota-se que o significado do termo espiritualidade<sup>13</sup> se apresenta e foi ampliado recentemente para incluir conceitos psicológicos positivos, como significado e propósito, conexão, paz de espírito, bem estar pessoal e felicidade. A própria ideia e linguagem de espiritualidade, originalmente baseada nas práticas autodisciplinadoras da fé religiosa, inclusive entre ascetas e monges, separa-se de suas tradições religiosas históricas e é redefinida em termos de autorrealização subjetiva.<sup>14</sup>

### Concepção Psicanalítica da Religião

As concepções freudianas são base de investigação científica para a Psicologia e áreas afins, assim passamos a descrever os atos obsessivos e práticas religiosas. A partir da visão de Freud<sup>15</sup>, existe semelhança entre os dois termos, especialmente demonstrada pela presença de um cerimonial, tanto em uma quanto noutra situação. Ele, Freud entendia que isto apontava para uma relação bastante profunda, que de certa forma dava à neurose um caráter religioso, e à religião um caráter neurótico. Na referida obra ele afirma:

<sup>10</sup> TEIXEIRA, F. O Potencial Libertador da Espiritualidade e da Experiência Religiosa. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e Espiritualidade**. 2ª edição São Paulo: Paulus, 2008. p. 13.

<sup>11</sup> TEIXEIRA, 2008.

<sup>12</sup> FERNANDES, Henrique. **Medicina e Espiritismo**. Associação Médico-Espírita Brasileira. Autores Diversos. Jabaquara, São Paulo, 2003.

<sup>13</sup> KOENIG, H.G. **Medicina, Religião e Saúde, o Encontro da Ciência e da Espiritualidade**. Tradução de Iuri Abreu – L&PM Editores, 1ª Edição setembro/2012.

<sup>14</sup> KOENIG, 2012.

<sup>15</sup> FREUD, S. **Atos Obsessivos e Práticas Religiosas**. Pequena Coleção das Obras de Freud, Imago Editora Ltda. Rio de Janeiro, (1907-2015).

Em minha opinião, entretanto, essa semelhança não é apenas superficial, de modo que a compreensão interna (*insight*) da origem do cerimonial neurótico pode, por analogia, estimular-nos a estabelecer inferências sobre processos psicológicos da vida religiosa.<sup>16</sup>

A partir da citação, Freud ensina que os cerimoniais neuróticos consistem em pequenas alterações em certos atos cotidianos, em que pequenos acréscimos, restrições ou arranjos são realizados numa mesma ordem, ou com variações regulares.<sup>17</sup> Parte-se então, conforme ensina em *Totem e Tabu*<sup>18</sup>, que a psicanálise é norteadada pelo princípio destes como pano de fundo, ou seja, a explicação dos primórdios da religião em termos do complexo de Édipo, o domínio do pai, a inveja, o poder e os privilégios. Esta teoria propõe o seu “mito científico”, através do qual deriva toda a sua explicação do surgimento da vida social e da religião. O totemismo pode ser considerado a tentativa da religião, conectar à tentativa dos filhos assassinos à apaziguação e reconciliação com este pai substituto. Assim, o Totem, é um estabelecimento sistêmico, que de um lado, é um pacto com o pai imaginário protetivo, cuidadoso e indulgente; e de outro lado, os filhos o respeitam em seus atos, como se real fosse (o pai).

Partindo dessa premissa anterior, o imaginário, Freud ensina em o futuro de uma ilusão<sup>19</sup> que a religião é uma ilusão que nasce a partir do desejo e necessidade da proteção de um pai, que todos herdamos do universo psíquico da infância, em que afirma:

a origem psíquica das ideias religiosas, embora proclamadas como ensinamentos, não constituem precipitados de experiência ou resultados finais de pensamento: são na realidade ilusões, realizações dos desejos mais antigos da humanidade: felicidade, proteção, justiça e a esperança de um paraíso numa dimensão quase inacessível.<sup>20</sup>

Em análise da citação, Freud avança da horda patriarcal para o clã fraternal, ou seja, surgem os direitos e a justiça<sup>21</sup>. Seguindo o pensamento psicanalítico, o homem primitivo atinge a civilização, um caminho irreversível. A sociedade organizada é o principal empecilho para a autonomia em caráter pleno. Freud afirma que os colonizadores europeus, possivelmente invejaram os nativos, pois perceberam que eles eram mais felizes, apesar do

---

<sup>16</sup> FREUD, 1907, p. 12.

<sup>17</sup> FREUD, 1907.

<sup>18</sup> FREUD, S. **Totem e Tabu**. L & PM Pocket, vol. 1113, Porto Alegre, (1913-2015).

<sup>19</sup> FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão**. L & PM Pocket, vol. 849, 2ª edição revisada, Porto Alegre, (1927-2015).

<sup>20</sup> FREUD, 1927, p. 85.

<sup>21</sup> FREUD, S. **O Mal Estar na Civilização**. Penguin & Companhia das Letras, Grandes Idéias. São Paulo, (1930-2015).

desconforto e tendo apenas natureza como patrimônio. Aqui entendemos que natureza, tem sentido amplo, no campo generalista.

Diante deste contexto, estaria a sociedade humana diante de um mito? Para tanto, Freud<sup>22</sup> questiona a história de Moisés como uma possível lenda, e o personagem central do monoteísmo como um mito. Seu argumento está na imaginação de um povo que liga o mito de nascimento a uma figura extraordinária, em que: reconhecê-la e anunciá-la, correspondeu ao modelo regular de uma vida de herói. Esta ficção poética está naquilo que é conhecido como o “romance familiar” de uma criança, no qual o filho reage a uma modificação em sua relação emocional com os genitores e, em especial, com o pai. A partir desta configuração psicanalítica, passa-se a entender que a figura “lendária” de Moisés simboliza o pai, ou o poderoso protótipo do “homem grande” no universo infantil.<sup>23</sup>

Diante dessas afirmações, recorreremos às considerações de Maciel e Rocha<sup>24</sup> sobre Freud, que apesar de ser um ateu convicto e de sempre ter professado seu ateísmo, ele, paradoxalmente, manifestou grande interesse pelo estudo do fenômeno religioso e empenhou-se seriamente em empregar elementos-chave da teoria psicanalítica para interpretar as origens e a natureza da religião.

### Concepções Divergentes da Psicanálise

No sentido de oferecer o contraponto das concepções freudianas acerca da religião, descrevemos a abordagem sob a visão divergente da Psicanálise, em William James<sup>25</sup> que reveste sua obra de filosofia pragmática e de psicologia científica, introduzidas por uma filosofia experiencial. Esta abordagem pragmática da questão religiosa<sup>26</sup> é considerada como uma experiência ou uma vivência, e não apenas como uma crença na experiência alheia. E continua sua afirmação sobre James ensinando que foi um dos principais representantes da corrente filosófica denominada: pragmatismo, que numa série de oito conferências entre 1906 e 1907 ele o caracteriza e ao mesmo tempo apresenta suas aplicações.

<sup>22</sup> FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo**. V. XXIII, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago, Rio de Janeiro, (1939-1996).

<sup>23</sup> FREUD, 1939.

<sup>24</sup> MACIEL, K. & ROCHA, Z. **Freud e a Religião**: possibilidades de novas leituras e construções teóricas. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2008, 28 (4), 742-753.

<sup>25</sup> JAMES, W. **As Variedades das Experiências Religiosas**. Editora Cultrix – Primeira Edição. São Paulo, 1902 – 1991.

<sup>26</sup> WEIL, 1993.

O pragmatismo é caracterizado principalmente por defender que a verdade deve ter como critério sua eficácia ou utilidade. Um conhecimento é verdadeiro não só quando explica alguma coisa ou um fato, mas, sobretudo quando permite retirar consequências práticas e aplicáveis. O Pragmatismo representa o empirismo, uma corrente muito conhecida em filosofia, mas o representa de maneira radical, não contraditória como já foi assumida em algumas oportunidades.<sup>27</sup>

Seguindo ainda a visão de Jammes, a religião não é uma investigação de Deus, nem da indagação da origem e do propósito do mundo, mas a pesquisa sobre o homem. Todas as visões religiosas da vida são antropocêntricas. A religião é a atividade do impulso humano para a autopreservação diante das suas limitações. Em outro sentido, quando a atividade mística está no auge, encontramos a consciência possuída pelo sentido de um ser, ao mesmo tempo excessivo e idêntico ao eu; suficientemente grande para ser Deus: suficientemente inferior para ser eu. A sua “objetividade”, nesse caso, deve ser chamada excessiva.<sup>28</sup>

Em análise da visão jammisiana, psicologias e filosofias da religião<sup>29</sup>, encontramos tentativas de especificar com precisão a espécie de entidade que ela é, a religião. As pessoas a ligam aos sentimentos de dependência; ao medo; outras à vida sexual; outras ao sentimento do infinito; e assim por diante. Então, Jammes dá a conhecer a Psicologia Transpessoal e restitui à Psicologia o seu objetivo verdadeiro e último: experienciar o Real. Resta a questão: será isto possível? A resposta está em: experienciar é vivência, o que é intransferível, assim, cada um pode dar a sua própria resposta, na medida em que em si mesmo tenha as condições necessárias.

Em outra forma de conceituação do intransferível, Otto<sup>30</sup> assevera que o “numinoso não é ensinável em sentido estrito, mas apenas estimulável e despertável – como tudo aquilo vem do espírito”. Enquanto **nume**, o sagrado se faz presente por seus efeitos psíquicos e pela categoria de interpretação e valoração em si mesmo; não pode ser observado ou apreendido diretamente, mas sua presença pode ser experimentada a partir de sentimentos afins e contrastantes, além das expressões simbólicas.

---

<sup>27</sup> WEIL, 1993.

<sup>28</sup> JAMMES, 1902.

<sup>29</sup> WEIL, 1993.

<sup>30</sup> OTTO, 1917 – 2014.

No intuito de elucidar as características irracionais<sup>31</sup> peculiares do sagrado, Otto cria o neologismo numinoso, derivado do latim *numen*, que significa deidade ou influxo divino. Este elemento pode ser identificado como um princípio ativo presente na totalidade das religiões, portador da ideia do bem absoluto. Em sua obra “O Sagrado” analisa a realidade “apriorística do numinoso ou sagrado em seus elementos racionais e irracionais, os quais são descritos como *tremendum* (arrepicante), *majestas* (avassalador), *mysterium* (o totalmente outro)”.<sup>32</sup>

Por sua vez, ao invés de estudar as ideias de Deus e da religião<sup>33</sup>, Otto aplicara-se na análise das modalidades da experiência religiosa. Dotado de refinamento psicológico e por uma dupla preparação de teólogo e de historiador, conseguiu esclarecer o conteúdo e o caráter específico desta experiência. Que de outra forma, na visão Ottomiana, há um acento demasiado nas características racionais de Deus. Em contrapartida afirma que o sagrado não se deixa apreender pelo conceito. Conceituá-lo já é um reducionismo. Um deus compreendido não é Deus, porém a ideia teísta de Deus precisa definir com clareza a divindade, e o faz por atributos como espírito, razão, intenção, boa vontade, amor, entre outros.<sup>34</sup>

Partimos desta contraposição divergente da psicanálise freudiana e também absorvemos a lógica de Otto, que a tendência para esta racionalização prevalece até hoje, não só na teologia, como também nas ciências da religião e, inclusive na pesquisa mitológica, na investigação do ser humano natural, ou seja, primitivo, e sua concepção dos primórdios da religião. Desta forma, para compreensão do termo religião, buscamos em Jung<sup>35</sup> os vocábulos referidos em que entende por este termo latino *religere* – uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de ‘numinoso’, isto é, uma existência ou efeito dinâmico, não causado por um ato arbitrário. Portanto, a religião deve ser vista como uma atitude do espírito humano, de acordo com o emprego originário do termo e em consideração e observação, cuidadosa de certos fatores dinâmicos concebidos como:

<sup>31</sup> BAY, D.M. **Fascínio e terror: o sagrado**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, ISSN 1678-7730 Nº 61 – Florianópolis, dezembro 2004.

<sup>32</sup> OTTO, 1917, p. 59.

<sup>33</sup> ELIADE, 1957.

<sup>34</sup> EBELING, M.J. **A Compreensão das características do sagrado em Rudolf Otto na Hinologia do “Hinos do Povo de Deus”**. Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012/p.330-344.

<sup>35</sup> JUNG, C.G. **Psicologia e Religião. Obras Completas de C.G. Jung**, Volume XI/1. Tradução Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Editora Vozes, Petrópolis, 1939-2012.



Potências: espíritos, demônios, deuses, leis, ideias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrados suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados.<sup>36</sup>

Em análise da citação consideramos que há contribuições relevantes para a Psicologia médica e isto representa um ramo de investigação que tem algo a ver com a religião. Haja vista que ela, a religião, constitui uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subentendido que todo o tipo de psicologia deve considerar que a religião, além de fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante, em boa medida dos indivíduos. Sob este argumento Argolo<sup>37</sup>, ensina que Jung sempre se manteve fiel à verdade científica de que nenhum fenômeno envolvendo a mente humana pode ser desprezado por um investigador digno desse nome, pelo simples motivo de fazer parte do objeto de estudo da ciência psicológica que se procura construir, desde a fundação do primeiro laboratório de psicologia em 1879 por Wilhelm Max Wundt (1832-1920).

Seguimos ainda no ensinamento Junguiano de que não existe qualquer possibilidade de contestar que uma parte de nossa existência psíquica se caracteriza por uma relatividade de espaço e de tempo. À medida que nos afastamos da consciência, esta relatividade parece elevar-se até ao não espacial e a uma intemporalidade absolutas.<sup>38</sup> Sendo assim, retornamos aos argumentos de Argolo, pautados em Jung, de que não existe segurança que a morte interrompa o processo psíquico, pois os fatos parapsicológicos sugerem uma independência entre a mente e o corpo. Ainda mais, as experiências telepáticas indicam que a psiquê pode, em certos casos, romper as barreiras espaciais e temporais. Ora, como o corpo está submetido às leis do espaço e do tempo, logo a psiquê poderia dele ser independente.<sup>39</sup>

Após esta primeira etapa da pesquisa, em que trouxemos concepções convergentes e divergentes, da psicanálise e da religião, adentramos para a segunda etapa, na qual pretendemos verificar os argumentos da existência de conceitos para a definição de Deus. Sublinhamos que no horizonte está o ser humano que em suas capacidades mentais pretende concebê-lo, Deus, como meio para sua cura, em que o campo encontra-se na Psicologia médica.

---

<sup>36</sup> JUNG, 1939 -2012, p. 20.

<sup>37</sup> ARGOLO, D. **Jung e a Mediunidade**. Fundação Lar Harmonia, Salvador, jun/2004.

<sup>38</sup> JUNG, 1939.

<sup>39</sup> ARGOLO, 2004.

## Algumas Tentativas de Conceituar Deus

Nas tentativas conceituais buscamos pensadores, teólogos, filósofos, antropólogos, psicólogos e estudiosos de diversificadas áreas do conhecimento, que contribuíram em suas teorias com elementos para denominar Deus. Destacamos as argumentações de Mendonça<sup>40</sup>, referindo-se aos ensinamentos de Martin Lutero, em *De Servo Arbítrio* (1525), o conceito de Deus não é teórico, doutrinário, não podendo ser apreendido intelectualmente. Segue sua lógica de que se trata, ao contrário, do elemento existencial de que toda pessoa tem em seu viver concreto, algum valor fundamental pelo qual se norteia, algum alvo que persegue, “algum desejo de que se alimente”. Trata-se “de um relacionamento vital entre o ser humano e seu Deus”. Está presente em Lutero a convicção de que para toda a experiência existencial antecede um poder absolutamente *apriori*, cujo sentimento consiste na fé.

Em vista à experiência existencial, buscamos em Machado<sup>41</sup> abstração dos ensinamentos de René Descartes – *Discurso do Método* (1637), em que para ele a única coisa que realmente pode ser considerada verdadeira é o pensamento. Haja vista, que todo pensamento por si só prova sua existência, ou seja, mesmo que uma pessoa duvide que o pensamento exista, essa sua dúvida já é um pensamento. Essa proposição de Descartes fez surgir sua célebre frase: “Penso, logo existo”, que apesar de pequena, guarda grande dimensão filosófica. Desta forma, a ideia de perfeição não se origina nos sentidos, mas na razão, Descartes abre o caminho para a prova racional da existência de Deus. A perfeição nasce junta, é inata. Então, a lógica está de que a ideia de perfeição não tem sua origem no nada e tampouco de ser imperfeito por natureza, logo a razão é de que venha de um ser perfeito.

Partimos do termo razão e nos apoiamos em César<sup>42</sup>, o qual analisou em Immanuel Kant - *A Crítica da Razão Pura* (1787), pois é justamente nesse campo, a razão, que na vontade livre do homem encontra a certeza da existência de Deus. A comprovação Kantiana, sobre a existência de Deus, está na lógica das provas racionais - somos seres que pensamos

<sup>40</sup> MENDONÇA, A. G. **Fenomenologia da Experiência Religiosa**. Disponível em: <Numen: revista de estudos e pesquisa da religi30. Juiz de Fora, 2016, v, 2, n, 2, p. 65-89.

<sup>41</sup> MACHADO, G. M. **Descartes e a Existência de Deus** – discurso do método. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/descartes-e-a-existencia-de-deus/>>. 2016.

<sup>42</sup> CÉSAR, M. M. **Crítica de Kant Perante as Provas da Existência de Deus**. 2011. Disponível em: <<http://aletheiagorah.blogspot.com.br/2011/06/critica-de-kant-perante-as-provas-da.html/>>. 2016.

apenas por meio de categorias limitadas, como tempo e espaço. Portanto, qualquer ser real, fora das nossas categorias, não pode ser conhecido, nem podemos provar sua existência. Por hipótese, é possível que haja uma causa inicial, mas por não podermos repetir a experiência inicial, a prova perde seu valor. Novamente, o que é certo na lógica nem sempre é certo na realidade.<sup>43</sup>

Do campo da razão, a lógica remete ao campo da inteligência<sup>44</sup>, que para Hyppolyte Léon Denizard Rivail (1857) “Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas”. Nesta concepção, o universo é oriundo de uma causa inteligente, criadora e administradora do cosmos e, esta inteligência é caracterizada como o ápice da perfeição em todos os seus atributos. Propomos assim o provérbio: “Pela obra se reconhece o autor”, ele assevera que não há efeito sem causa, dessa forma, ao investigar a magnificência da natureza, é possível perceber o que não for obra do homem, restará à inteligência subjetiva de cada ser humano responder, quem deverá ser o autor? Recorremos à Rivail, que revolucionou a educação e o ensino na capital francesa, a partir de uma proposta pedagógica com o livro “O Curso Prático e Teórico de Aritmética” em 1824. Na sequência lançou mais dez obras relacionadas ao ensino regular, os quais, aproveitados pelos órgãos governamentais, serviram de subsídios para a reformulação do ensino na cidade luz (Paris). Apesar desse legado para a educação, ele passou à posteridade conhecido pelo pseudônimo de “Allan Kardec”, o codificador do Espiritismo em 1857.<sup>45</sup>

Relembramos que em parágrafos anteriores mencionamos a experiência mística em que: o corpo morre, mas a alma, espírito não. E, diante deste argumento e inclusive do parágrafo imediatamente anterior, tomamos as percepções de Trindade<sup>46</sup>, o qual estudou Friedrich Nietzsche - A Gaia Ciência (1887) o Homem Louco – “Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos”! Esta talvez seja a frase mais famosa e incompreendida de Nietzsche. Por que ele disse tais palavras? Para um homem cujo ateísmo era convicto, não fazia sentido anunciar a morte de algo em que não acreditava. Nietzsche anuncia sua descoberta não como uma constatação científica, mas como um estrondo que abalara toda a

---

<sup>43</sup> CÉSAR, 2011.

<sup>44</sup> RIVAIL, H. L. D. (Kardec, A.). **O Livro dos Espíritos**. Instituto de Difusão Espírita, Salvador, 176ª edição, 1857-2008.

<sup>45</sup> RIVAIL, 1857, p. 35-39.

<sup>46</sup> TRINDADE, R. **Deus Está Morto** - Friedrich Nietzsche. (2013). Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2013/05/03/deus-esta-morto/>>. 2016.

cultura europeia. A grande razão para tal declaração tem motivos éticos e históricos. No entanto, inferimos que o argumento de Nietzsche remete à possibilidade da negação da negação, ou seja, no mínimo admite a existência Sua (Deus).

Diante dessas conceituações trazidas nesta segunda etapa da pesquisa, há sim, a possibilidade de que nós, humanos, ainda não tenhamos alcançado a capacidade suficiente da compreensão da obra, seja nesse ou naquele campo. Porém, talvez como loucos ou não, somos conduzidos por algo, que esteja além da religião, que ainda não conhecemos e nem descobrimos. Para tanto, sabemos que cremos em algo, seja religião ou não e neste sentido, no terceiro momento buscamos algumas conceituações em estudos contemporâneos.

### **Colaboração de Estudos Contemporâneos sobre a Religião**

Percebemos que com o passar dos anos, surgem novas abordagens na busca de melhor entender a fenomenologia da religião. É também relevante observar, que do tempo de William James (1902), aos dias atuais, as abordagens em torno da religião apresentam-se, cada vez mais como interesse de pesquisa, ao mesmo tempo, em que a flexibilidade aparece como uma característica diferencial dos estudiosos. Sendo assim, destacamos alguns estudos da contemporaneidade. Assim, Almeida<sup>47</sup> afirma que as dimensões espirituais e religiosas da cultura estão entre os fatores mais importantes que estruturam a experiência humana: crenças, valores, comportamento e padrões de adoecimento. Apesar disso, a psiquiatria, em seus sistemas, diagnósticos bem como em sua teoria, tende a ignorar ou considerar patológicas as dimensões religiosas e espirituais da vida.

Com vistas à admissão de união de saberes Dalgarrondo<sup>48</sup> comenta que a religião é seguramente, um objeto de investimento dos mais complexos, posto que, como fenômeno humano é, a um só tempo, experiencial, psicológico, sociológico, antropológico, histórico, político, teológico e filosófico. Enfim, implica abordagens e dimensões várias e de distintas espécies da vida coletiva e individual. Ela, a religião, não se pode negar, é um fenômeno humano de decisiva centralidade e de complexidade incontornável. Dessa forma, fica atestada a importância de se unir esforços com trabalhos multidisciplinares para explorar este valioso campo do universo psíquico do homem olhando-o como um ser holístico.

---

<sup>47</sup> ALMEIDA, A. M. **Fenomenologia das Experiências Mediúnicas, Perfil e Psicopatologia de Médiuns Espíritos**. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2004.

<sup>48</sup> DALGARRONDO, P. **Religião, Psicopatologia e Saúde Mental**. IP.: Do coletivo ao individual, do fenômeno sociocultural à experiência. Porto Alegre, Artmed 2008.

Na tentativa de olhar a experiência religiosa sob uma nova perspectiva, estudiosos criam silogismos<sup>49</sup>, como ensina Koenig, são formas que o risco de contaminação entre as “crenças” religiosas e as “crenças” científicas sejam reduzidas. E ainda, afirma que o significado do termo espiritualidade foi ampliado recentemente para incluir linguagem de conceitos psicológicos positivos, como significado e propósito, conexão, paz de espírito, bem estar pessoal e felicidade.

Em referência à questão da linguagem<sup>50</sup>, Amatuzzi cita que isso passa por um desafio no campo da religião, na medida em que diversas pessoas ou diferentes instituições podem usar os mesmos termos para fazer referência a “coisas” diferentes. Às vezes o que chamamos de espírito é uma das manifestações desse ser altamente complexo. Nele articulam-se relações com o ambiente físico e biológico, e com a sociedade, de modo inextricável.

Neste momento, cabe então o questionamento: em que medida há então relação entre o ambiente físico e biológico? Para isso recorreremos ao entendimento de Paiva<sup>51</sup>, o qual assinala que esta é a tarefa da Psicologia investigar o que há de psíquico nos seres vivos ou nos organismos, advertida de que neles em certo sentido tudo é psicológico, embora o psicológico não seja tudo. Cabe às ciências psicológicas, adentrar neste vasto e enigmático universo dos fenômenos religiosos, uma vez que esta área da ciência permeia com instrumentos metodológicos o funcionamento do aparelho psíquico do ser humano.

Por fim, Valle<sup>52</sup> assegura que a religião não é uma coisa que se tem ou não, que é verdadeira ou não. Muito mais, ela é um campo de experiência no qual crescemos ou deixamos de crescer. É o campo das indagações últimas, das indagações pelo sentido, que estão implicitamente presentes em todas as demais indagações ou movimentos humanos.

Após estas contribuições contemporâneas sobre a integratividade da religião com o campo psicológico, o qual deu sustento à terceira etapa da pesquisa, passamos a um tópico específico da metodologia do estudo. Entendemos que esta apresentação seja relevante para manter a conexão entre as diversas concepções trazidas pelos autores até aqui abordados e suas contribuições para a sustentação da discussão dos dados.

---

<sup>49</sup> KOENIG, 2012.

<sup>50</sup> AMATUZZI, Mauro Martins. Uma Fenomenologia do Espírito em Diálogo com Tomás de Aquino. In: **Psicologia e Espiritualidade**. Editora Paulus, São Paulo, 2ª edição, 2008. p. 111.

<sup>51</sup> PAIVA, Geraldo José. Psicologia da Religião, psicologia da Espiritualidade. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e Espiritualidade**. 2ª edição São Paulo: Paulus, 2008. p. 32.

<sup>52</sup> VALLE, João Edênio dos Reis. **Religião e Espiritualidade: um Olhar Psicológico**. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e Espiritualidade**. 2ª edição São Paulo: Paulus, 2008. p. 88.

## Metodologia da Pesquisa

Para a realização deste trabalho utilizamos como metodologia uma revisão teórica integrativa. Método de pesquisa utilizado desde 1980, no âmbito da Prática Baseada em Evidências (PBE), que envolve a sistematização e publicação dos resultados de uma pesquisa bibliográfica em saúde para que possam ser úteis na assistência à saúde, acentuando a importância da pesquisa acadêmica na prática clínica. O principal objetivo desta revisão foi a integração entre a pesquisa (livros, teses, artigos, entre outros.) e sua aplicabilidade no âmbito da Psicologia.

A revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos.<sup>53</sup>

Para a realização desta revisão algumas etapas foram seguidas. Depois da identificação do tema, realizamos a seleção do cabedal teórico da pesquisa. Estabelecemos critérios para inclusão e exclusão do material consultado na busca literária, em vista do tema que inclui religião e psicologia, com pano de fundo ao olhar integrativo. Necessariamente nosso trabalho não faz interpretação dos dados, de resultados, nossa proposta é mostrar como pode ser utilizada a experiência religiosa como apoio interpretativo e sua relação com a Psicologia. Posteriormente, apresentamos a revisão e a síntese dos conceitos discutidos.

A revisão integrativa proporciona aos profissionais de saúde dados relevantes de um determinado assunto, em diferentes lugares e momentos, mantendo-os atualizados e facilitando as mudanças na prática clínica como consequência da pesquisa.<sup>54</sup>

Com este alinhamento metodológico e em afirmação com o propósito do uso da medicina a partir da Prática Baseada em Evidências (PBE), entendemos que na quarta etapa do estudo seja possível a verificação desse método como apoio para a compreensão do fenômeno religioso no campo da assistência à saúde.

## Discussão Argumentativa de Convergência e Divergência dos Dados da Pesquisa

Frente à lógica do senso comum, este seria um momento oportuno à aplicação do velho adágio: **“Religião é coisa que não se discute”**. Porém este, não se aplica nesta

<sup>53</sup> MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. **Revisão Integrativa**: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde. Ed. Texto/Contexto, Florianópolis, v. 17, n.4, Dec. 2008. P. 12.

<sup>54</sup> MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. 2008, p. 17

circunstância, pois em se tratando de trabalho científico, o crivo da razão é o elemento diferencial, sendo a discussão, portanto, fator imprescindível.

As questões que envolvem fé e outros fenômenos relacionados a dogmas e ritos religiosos, de fato, estão na pauta da experiência religiosa, mais do que na investigação científica. Assim, será necessário amenizar posturas inamovíveis de uma e de outra área e, ao invés de apenas analisar a religião sob o prisma da lente psicológica, ou adjetivar a psicologia com o viés religioso, estabeleça-se uma abertura ao diálogo, estimulado tanto nos níveis inter quanto intrasubjetivos.

Nos ensinamentos de Freitas<sup>55</sup>, este diálogo é evidenciado na expressão “psicologia e religião”. Isto implica reconhecer que a psicologia é campo que não pode englobar em seu universo epistemológico e de atuação diversidade de outras facetas da vida humana, como por exemplo, o biológico, o antropológico, o cultural, o religioso, o espiritual. De forma que, Lopez<sup>56</sup> já ensinava anteriormente que o desafio metodológico enfrentado pela Psicologia da Religião é o de evitar o reducionismo de uma à outra. Manter um equilíbrio entre as áreas, respeitando suas especificidades, exige uma abordagem interdisciplinar que, discutindo aproximações e distanciamentos conceituais e metodológicos, permita uma análise crítica dessa relação.

Diante deste contexto, entendemos que o pesquisador interessado nesta temática, inevitavelmente, precisará circular entre as duas áreas, a psicologia e a religião, não obstante, essa interação necessita estar o mais isenta possível, de disputas de autoridade ideológica, econômica ou política, mesmo que travestidas de autoridade científica.

Desta forma, retomamos novamente as concepções de Freitas<sup>57</sup> em que delineia a ideia de que precisa ainda pautar-se sobre uma auto reflexividade constante, buscando apurar seus vieses e evitando estabelecer características de substituição entre uma e outra, já que ambas podem trabalhar numa lógica de ampliação do potencial terapêutico. Em outro sentido, Lopez<sup>58</sup> ensina que a unicidade do pesquisador com o seu objeto de estudo envolve o investigador em toda a sua subjetividade: sua razão, seu corpo e seu afeto e a “meditação” surge como possibilidade de trabalho sobre todos esses aspectos. O que parece importante,

---

<sup>55</sup> FREITAS, M.H. **Psicologia Religiosa, Psicologia da Religião ou Psicologia e Religião?** X Seminário de Psicologia e Senso Religioso, Curitiba, PUCPR, 2015.

<sup>56</sup> LOPEZ, M. A. **Psicologia e Religião: recursos para construção do conhecimento.** Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 19, n. 2, p. 78-85, maio/agosto 2002.

<sup>57</sup> FREITAS, 2015.

<sup>58</sup> LOPEZ, 2002.

em termos metodológicos, é dedicar maior cuidado ao modo como nossas disposições afetivas, para não dizer “como o amor”, facilitam ou dificultam, cerceia ou potencializa nosso modo de conhecer os fenômenos.

O paradigma, a complexidade acadêmica parece ainda arrastar os resquícios do controle e rigidez característicos da **alquimia**. Implicitamente, são determinadas quais as abordagens estão incluídas num padrão aceitável pela **pureza científica**. Posição essas que poderiam ser contabilizadas no débito dos tabus, não fosse à incongruência deste vocábulo na relação com o ônus da **prova científica**.

Retomamos e concordamos com Djalma Argolo<sup>59</sup>, quando afirma que comunidade científico-acadêmica forma uma cátedra de estritas leis não escritas, opondo-se, ferrenhamente, a qualquer mudança. O mesmo autor afirma ainda:

Como as sociedades religiosas que geralmente combate, ela é extremamente conservadora, embora goste de posar de *amante da verdade*, e de aberta ao novo. Mas só consegue iludir a si própria, pois de há muito lhe caiu a máscara de *dedicada e humilde* serva do conhecimento.<sup>60</sup>

Já vem de séculos, a árdua tarefa de romper as barreiras da cultura científica, ainda mais que esta iniciativa, na maioria das vezes, parte da coragem de neófitos pesquisadores (adeptos ao novo), na tentativa de imprimir força contrária para desconstruir estes modelos cristalizados. Realidade quase inconcebível diante de um mundo globalizado, alimentado por uma mídia **on line** na interrelação das massas e, numa era profícua do surgimento de jovens talentosos, dotados de habilidades e com potencial científico, acessando os bancos da academia, pois ali é um lugar de construção do conhecimento.

Este posicionamento crítico aqui exarado, não se refere às pregações igrejeiras, polêmicas estéreis e proselitismo dogmático, mas sim à possibilidade de discussão sobre um sentimento que está inexoravelmente atravessado no anonimato da comunidade acadêmica. Diante disso, paira a dúvida paradoxal, qual seja: a religião é excessivamente dogmática para adentrar na academia, ou a ciência funciona sob a égide de dogmas seculares que distanciam cada vez mais as pessoas religiosas dos estudiosos cerceados pelo rigor do crivo racional?

Na tentativa de encontrar resposta, entendemos que há uma ponte de conexão entre estas duas vertentes, pode ser estabelecida através do campo universitário, até porque as pessoas e os estudiosos são, no fim das contas os mesmos indivíduos, ora dentro e ora fora

<sup>59</sup> ARGOLO, 2004.

<sup>60</sup> ARGOLO, 2004, p. 40.



do laboratório de pesquisa. Esta possibilidade um dia há de chegar, mas é compreensível que ainda está em fase de maturação, até porque a **flexibilização da ciência** emerge como a **nova ordem do dia**. Vivemos atualmente, novos tempos e oportunidades de voos mais altos, ou seja, para além do já conhecido.

Para tanto fizemos uma **pausa** nesta discussão, já que ela permanecerá em aberto para projetos futuros, fica com a palavra o pensador francês Léon Dennis<sup>61</sup> que cita:

Quando se lança um golpe de vista sobre o passado, quando se evoca a recordação das religiões desaparecidas, das crenças extintas, apodera-se de nós uma espécie de vertigem ante o aspecto das sinuosidades percorridas pelo pensamento humano. Lenta é a sua marcha. Parece, a princípio, comprazer-se nas criptas sombrias da Índia, nos templos subterrâneos do Egito, nas catacumbas de Roma, na meia-luz das catedrais; parece preferir os lugares escuros à atmosfera pesada das escolas, o silêncio dos claustros às claridades do céu, aos livres espaços, em uma palavra, ao estudo da Natureza.<sup>62</sup>

Visto isto, parece indicar que a ciência aos poucos trabalha no sentido de se desvencilhar de certos dogmas acadêmicos e, aproxima-se menos receosa do universo exclusivamente subjetivo do homem religioso. A partir da construção deste trabalho, percebemos que o campo dos saberes científicos, está permeado pelos valores religiosos com uma frequência em marcha, parece que o ser humano está com pressa de encontrar respostas.

### Considerações Finais

Neste estudo propomos como tema o olhar integrativo da psicologia em relação ao fenômeno da religião no imaginário e na cultura da humanidade. Assim, trouxemos os conceitos de autores sobre a psicanálise, a psicologia e a religião, com concepções convergentes e divergentes sobre a religião ser uma forma de integratividade com as Práticas Baseadas em Evidências (PBE), as quais são utilizadas pela psicologia da medicina em assistência à saúde. Desta forma, buscamos evidências teóricas que dessem conta do olhar integrativo do fenômeno religioso, objeto desse estudo, na cura das enfermidades humanas.

Quanto ao problema investigado: como o fenômeno religião no imaginário e na cultura humana é elemento integrativo na visão da psicologia no que concerne à assistência da saúde pelo método contemporâneo da Prática Baseada em Evidências (PBE)? Percebemos

---

<sup>61</sup> DENNIS, L. **Depois da Morte**. Federação Espírita Brasileira, 18ª edição, Rio de Janeiro/RJ - 1897/1994.

<sup>62</sup> DENNIS, 1897, p. 19.

que apesar de haver convergência e divergência entre os autores, sobre o conceito de Deus, notamos que a ciência e a religião necessitam ainda de ampliação em seus campos de discussão, sem, no entanto, uma excluir a outra. Então ainda há lacunas a serem descortinadas para serem compreendidas, num misto de unir conhecimento científico e fé espiritual.

Identificamos que no interesse científico do fenômeno religião no imaginário da cultura humana, há percepção na busca do conforto ao corpo e ao espírito, que por sua vez não subestimamos a potencialidade da integratividade de ciência e espiritualidade. Este campo está aberto para a discussão, reflexão e investigação. Embora o considerável desenvolvimento tecnológico e científico alcançado na atualidade, em matéria de **experiência religiosa**, o homem ainda pensa, sente e pratica as suas crenças, semelhantemente aos tempos das cavernas. Dessa forma, cremos que o sentimento religioso mergulha o ser humano numa espécie de ostracismo racional que o impede de arguir sobre os revezes que lhe fogem a capacidade de resolução. Que em última análise transfere a solução do seu destino à proteção **Divina**.

## Referências

ALMEIDA, A. M. **Fenomenologia das Experiências Mediúnicas, Perfil e Psicopatologia de Médiuns Espíritos**. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: < <http://www.amebrasil.org.br/html/alex.pdf> > Acesso em: 02 jun. 2016.

AMATUZZI, Mauro Martins. Uma Fenomenologia do espírito em diálogo com Tomás de Aquino. In: **Psicologia e Espiritualidade**. Editora Paulus, São Paulo, 2ª edição, 2008. p. 111.

ARGOLO, D. **Jung e a Mediunidade**. Fundação Lar Harmonia, Salvador, jun/2004.

BAY, D.M. **Fascínio e Terror**: o sagrado. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, ISSN 1678-7730 Nº 61 – Florianópolis, dezembro 2004. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1195/4443> > Acesso em: 02 jun. 2016.

BRANDT, H. **Apresentação da Obra “o Sagrado” (Rudolf Otto)**. Editora Sinodal, 3ª Edição, São Leopoldo, RS, 1917 – 2014.

CÉSAR, M. M. **Crítica de Kant Perante as Provas da Existência de Deus.** (15 de junho de 2011).Disponível em:<<http://aletheiagorah.blogspot.com.br/2011/06/critica-de-kant-perante-as-provas-da.html>> Acesso em: 15 jun. 2016.

DALGALARRONDO, P. **Religião, Psicopatologia e Saúde Mental.** IP.: Do coletivo ao individual, do fenômeno sociocultural à experiência. Porto Alegre, Artmed 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832008000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000300004)> Acesso em: 02 jun. 2016.

DENIS, L. **Depois da Morte.** Federação Espírita Brasileira, 18ª edição, Rio de Janeiro/RJ - 1897/1994.

EBELING, M.J. **A Compreensão das Características do Sagrado em Rudolf Otto na Hinologia do “Hinos do Povo de Deus”.** Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012/p.330-344. Disponível em <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/42/26>> Acesso em: 02 jun. 2016.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano.** Tradução (1957/1992) - Rogério Fernandes, Editora Martins Fontes, ISBN 85 336 0053 4, São Paulo 1992. Disponível em <<http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf>> Acesso em: 02 jun. 2016.

FERNANDES, Henrique. **Medicina e Espiritismo.** Associação Médico-Espírita Brasileira. Autores Diversos. Jabaquara, São Paulo, 2003.

FREITAS, M.H. **Psicologia Religiosa, Psicologia da Religião ou Psicologia e Religião?** X Seminário de Psicologia e Senso Religioso, Curitiba, PUCPR, 2015. ISSN 0000-0000 <[file:///C:/Users/User/Downloads/spsr-15793%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/spsr-15793%20(1).pdf)>

FREUD, S. **Atos obsessivos e práticas religiosas.** Pequena Coleção das Obras de Freud, Imago Editora Ltda. Rio de Janeiro, (1907-2015).

FREUD, S. **Totem e Tabu.** L & PM Pocket, vol. 1113, Porto Alegre, (1913-2015).

FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão.** L & PM Pocket, vol. 849, 2ª edição revisada, Porto Alegre, (1927-2015).

FREUD, S. **O Mal Estar na Civilização.** Penguin & Companhia das Letras, Grandes Idéias. São Paulo, (1930-2015).

FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo.** V. XXIII, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago, Rio de Janeiro, (1939-1996).

JAMMES, W. **As Variedades das Experiências Religiosas**. Editora Cultrix – Primeira Edição, São Paulo, 1902 – 1991. Disponível em < <http://existeumasolucao.com.br/sala-de-leitura/arquivos/experiencia-religiosa.pdf> > Acesso em: 02 jun. 2016.

JUNG, C.G. **Psicologia e Religião. Obras Completas de C.G. Jung**, Volume XI/1. Tradução Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, Editora Vozes, Petrópolis, 1939-2012.

KOENIG, H.G. **Medicina, Religião e Saúde, o Encontro da Ciência e da Espiritualidade**. Tradução de Iuri Abreu – L&PM Editores, 1ª Edição setembro/2012. Disponível em <[http://img.travessa.com.br/capitulo/L\\_PM\\_EDITORES/MEDICINA\\_RELIGIAO\\_E\\_SAUDE\\_O\\_E\\_NCONTRO\\_DA\\_CIENTIA\\_E\\_DA\\_ESPIRITUALIDADE-9788525427199.pdf](http://img.travessa.com.br/capitulo/L_PM_EDITORES/MEDICINA_RELIGIAO_E_SAUDE_O_E_NCONTRO_DA_CIENTIA_E_DA_ESPIRITUALIDADE-9788525427199.pdf)> Acesso em: 02 jun. 2016.

LOPEZ, M.A. **Psicologia e Religião: recursos para construção do conhecimento**. Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 19, n. 2, p. 78-85, maio/agosto 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n2/a05.pdf>> Acesso em: 15 jun.2016.

LOUCEIRO, L.M. **“As Variedades da Experiência Religiosa” de William James revisitada**. Cognitivo – Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia, Volume 4, nº 2, julho 2007, p. 103 – 120, PUC de São Paulo. Disponível em < <http://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/viewFile/5757/4058>> Acesso em: 02 jun. 2016.

MACHADO, G.M. **Descartes e a Existência de Deus – discurso do método**. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/filosofia/descartes-e-a-existencia-de-deus/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MACIEL, K. & ROCHA, Z. **Freud e a Religião: possibilidades de novas leituras e construções teóricas**. Psicologia Ciência e Profissão, 2008, 28 (4), 742-753.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C.M. **Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde**. Ed. Texto/Contexto, Florianópolis, v. 17, n.4, Dec. 2008.

MENDONÇA, A. G. **Fenomenologia da Experiência Religiosa**. Disponível em: <Numen: revista de estudos e pesquisa da religi30. Juiz de Fora, v, 2, n, 2, p. 65-89. file:///C:/Users/User/Downloads/873-2785-1-PB%20(4).pdf>. Acesso: 15 jun. 2016.

OLIVEIRA, C.M. **Espaço e Religião, Sagrado e Profano: uma contribuição para a geografia da religião e do movimento pentecostal**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.135-161, ago./dez.2012.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução Walter O. Schlupp, Editora Sinodal, 3ª edição, RS, São Leopoldo, 1917 – 2014.

PAIVA, Geraldo José. Psicologia da Religião, psicologia da Espiritualidade. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e Espiritualidade**. 2ª edição São Paulo: Paulus, 2008. p. 32.

RIVAIL, H.L.D. (Kardec, A.). **O Livro dos Espíritos**. Instituto de Difusão Espírita, Salvador, 176ª edição, 1857-2008.

SPICA, M. A. **Místico Versus Misticismo**: reflexões sobre o místico de Wittgenstein em comparação ao misticismo religioso caracterizado por James. Natal, v.17, jan./jun. 2010, p. 113-136.

TEIXEIRA, F. O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e Espiritualidade**. 2ª edição São Paulo: Paulus, 2008. p. 13.

TRINDADE, R. **Deus Está Morto** - Friedrich Nietzsche. (2013).Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2013/05/03/deus-esta-morto/>>. Acesso: 15 Jun. 2016.

VALLE, João Edênio dos Reis. **Religião e Espiritualidade: um Olhar Psicológico**. In: AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e Espiritualidade**. 2ª edição São Paulo: Paulus, 2008. p. 88.

WEIL, P. **Antologia do Êxtase**. Tradução – Patrícia Cenacchi, Editora Palas Athena, SP, São Paulo 1993.